

REPÚBLICA EM DOCUMENTOS
Série Documentos Museológicos nº 4
Jardim Histórico do Museu da República

REPÚBLICA EM DOCUMENTOS

Série Documentos Museológicos nº 4

Jardim Histórico do Museu da República



REPÚBLICA EM DOCUMENTOS

Série Documentos Museológicos nº 4

Jardim Histórico do Museu da República

Magaly Cabral, Marcus Macri, Carlos Daetwyler Xavier (Org.)



Rio de Janeiro, 2019

Presidente da República
JAIR BOLSONARO

Ministro da Cidadania
OSMAR TERRA

Secretário Especial da Cultura
HENRIQUE MEDEIROS PIRES

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus
PAULO CÉSAR BRASIL DO AMARAL

MUSEU DA REPÚBLICA

Diretor
MÁRIO DE SOUZA CHAGAS

Coordenadora Administrativa
SILVIA FENIZOLA

Coordenador Técnica
MARCUS MACRI

Coordenadora de Comunicação
ISABELA BORSANI

SUMÁRIO

- 7 Apresentação
Mario Chagas
- 8 O Palácio do Catete
- 18 O Jardim
- 65 Um jardim privado, um jardim público
- 76 Mapa do Jardim Histórico
- 77 Referências bibliográficas

O LIVRO DO JARDIM

Lembrança do mundo antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo
em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos.
Não havia perigo. Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

Carlos Drummond de Andrade

O Jardim é um convite. Um convite aos sentidos (tato, audição, olfato, paladar e visão); um convite à intuição e à imaginação criativa, à meditação, ao relaxamento, ao ócio e à preguiça¹. O Jardim também é um encontro entre subjetividades e objetividades, entre semelhanças e diferenças, entre natureza e cultura, entre o visível e o invisível. O Jardim, sendo convite e encontro, é o resultado de uma força humana, cultural, que se coloca em conversa, mais ou menos tensa, com as forças da natureza. Cada uma dessas forças, ao seu modo, é criativa, libertadora e opressora. A beleza do Jardim é resultado do equilíbrio dinâmico entre essas forças. Esse equilíbrio delicado e dinâmico confere ao Jardim uma aura de mistério, uma dimensão poética muito especial. Essa dimensão poética mobiliza pensamentos, sentimentos, sensações e intuições e, em meu entendimento, estimula nos frequentadores (alguns são quase habitantes) dos jardins um olhar reflexivo para os jardins de si mesmo.

¹ Acerca do jardim como um convite à preguiça ver o livro “O Jardim” de Carlos Drummond de Andrade, com ilustrações de Atak, publicado em 2015, pela Companhia das Letras.

Por mais que o Jardim seja, como diz o poeta, “um convite à preguiça”, ele exige trabalho permanente, infatigável, diuturno. É preciso ir e vir sempre, é preciso compreender a dinâmica das estações (primavera, verão, outono e inverno), é preciso conversar (ouvir e escutar) as plantas e, especialmente, os pequenos animais. As formigas, por exemplo, têm muito a ensinar. O Jardim é e exige cuidado. Há no Jardim uma dimensão terapêutica.

O Jardim Histórico do Museu da República é tudo isso e algo mais. Ele é convite, é espaço de encontro, é trabalho, é arte, é cultura, é poesia, é beleza, é cuidado, é fenômeno terapêutico, é muito mais do que apenas parte de um acervo.

Originalmente o Jardim do Museu da República foi espaço privado, tanto na condição de Jardim do Palácio do Barão de Nova Friburgo, quanto na de espaço de lazer, entretenimento e deleite dos presidentes da República e moradores que residiram no local entre 1897 e 1960, período em que o Palácio foi sede da presidência da República.

Na atualidade, como parte do Museu da República, o Jardim é um espaço vivo, do povo, da res publica, que integra o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, onde ocorreram e ocorrem grandes eventos, desde a recepção aos reis da Bélgica, em 1926, ou apresentações do projeto Aquarius, na década de 1980, a microeventos associados a micropolíticas de grande importância, como as serestas, que ocorrem no Jardim do Museu de terça a domingo há mais de duas décadas.

Para os milhares e milhares de frequentadores do Museu oferecemos além do Palácio - com exposições de longa e curta duração -, uma Reserva Técnica Visitável, um conjunto sistemático de eventos e o acervo do Jardim, onde se destacam: as esculturas em metal da fundição Val D’Osne, a gruta, os chafarizes, as pontes, o coreto, as esculturas em terracota e, de tempos em tempos, intervenções de arte contemporânea. Além de tudo isso, é importante registrar o cuidado das equipes do Museu da República com a flora e fauna que, de algum modo, habitam o seu Jardim.

O livro que o leitor tem diante de si faz parte da coleção República em Documentos, lançada pelo Museu da República em 2015 para divulgar os seus acervos arquivístico, bibliográfico e museológico. Esse exemplar buscará mostrar um pouco da história do Jardim Histórico, talvez o acervo mais vivenciado do Museu da República, expondo a sua importância e alguns detalhes que passam, provavelmente, despercebidos da maioria de seus frequentadores.

Mario Chagas
Diretor do Museu da República/Museu Palácio Rio Negro

O PALÁCIO DO CATETE

Já lhe não bastava o que era. A casa de Botafogo, posto que bela, não era um palácio, e depois, não estava tão exposta como aqui no Catete, passagem obrigada de toda a gente, que olharia para as grandes janelas, as grandes portas, as grandes águias no alto, de asas abertas. Quem viesse pelo lado do mar, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos... Oh! gozo infinito!¹

Construído entre 1858 e 1867, o Palácio do Catete foi, originalmente, a residência de Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, antes de tornar-se a sede do Poder Executivo Federal no período de 1897 a 1960. O edifício foi idealizado para servir como residência digna da posição do Barão, que, apesar da origem humilde de imigrante português, conseguiu criar fortuna com comércio de café e escravos no interior fluminense, chegando a ser considerado o homem mais rico do Império Brasileiro. Projetado pelo arquiteto Gustav Waehneltdt, o Palácio chamou a atenção pela imponência e pelo requinte de detalhes em sua construção, sendo apreciado por brasileiros e estrangeiros que visitaram o país como uma das mais belas construções da cidade do Rio de Janeiro.

Localizado no bairro do Catete, zona sul do Rio de Janeiro, o edifício foi construído em área considerada nobre da cidade no século XIX. A origem do Caminho do Catete, atual rua do Catete, remonta aos tempos anteriores

1 (ASSIS, Esaú e Jacó. 1994, p. 14.)

*Catete e arredores. Cerca de 1870.
Leuzinger, Georges. Catete e Entrada.
Acervo Instituto Moreira Sales.*



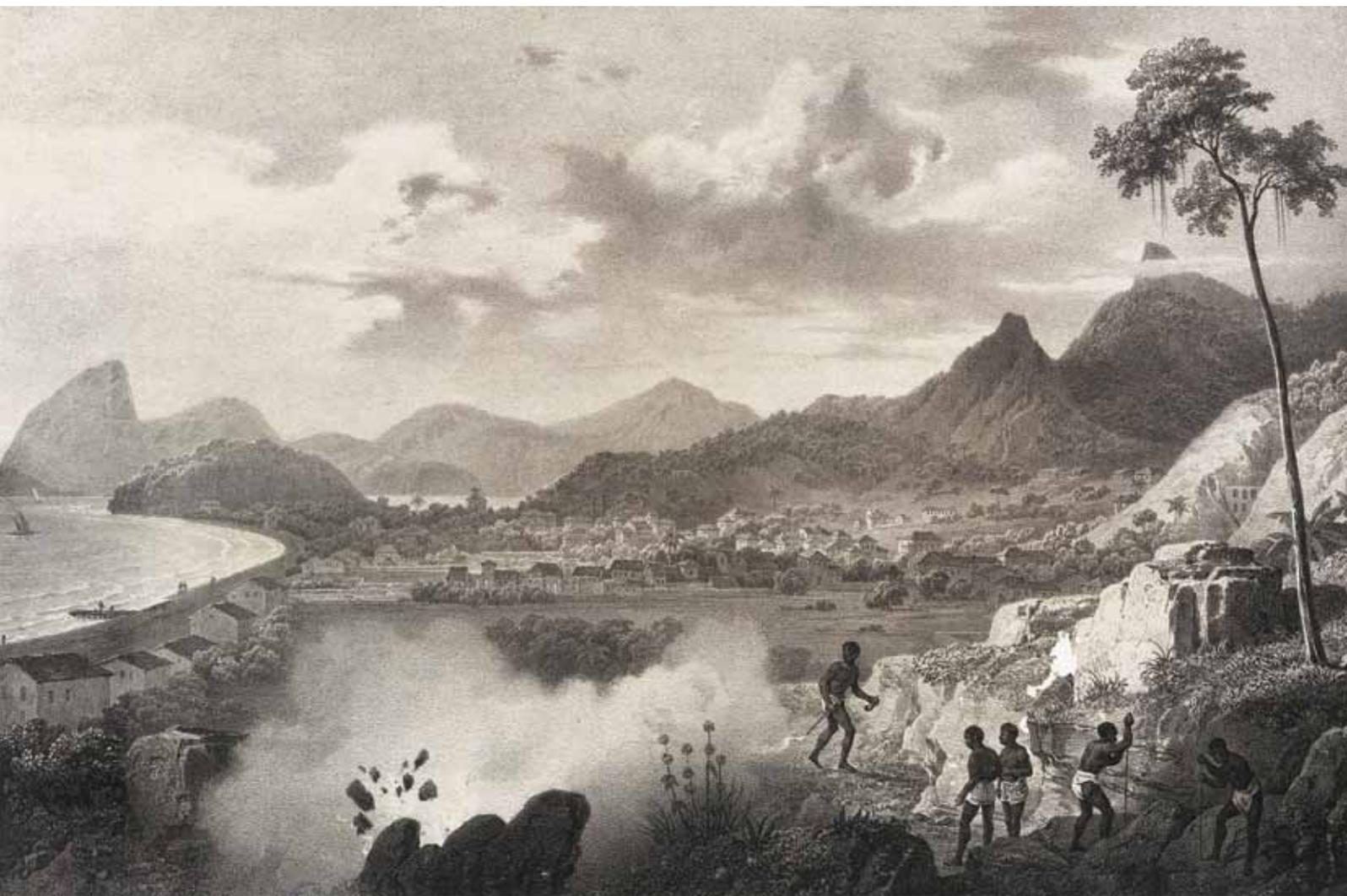
à conquista portuguesa: era utilizado por índios para buscar água no braço esquerdo do rio Carioca. Com a ocupação portuguesa, o caminho recebeu diversos melhoramentos para interligar engenhos de açúcar construídos na região conhecida hoje como Zona Sul, como o Engenho D'el Rey, ao restante da cidade.

Um grande motivador da ocupação desse espaço foi a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808. Muitos representantes de nações estrangeiras buscaram estabelecer-se no bairro, que começava a se desenhar a partir do parcelamento das antigas propriedades. Durante o século XIX, houve desenvolvimento significativo da ocupação na região, com grandes chácaras, palácios e residências de elite sendo construídas ali, sem contar as sociedades dançantes, o Hotel dos Estrangeiros, os diversos clubs que ali se instalaram e que fizeram da região uma das mais dinâmicas da cidade no século XIX. Foi nesse contexto em que o Palácio Nova Friburgo, nome pelo qual o Palácio do Catete era conhecido nessa época, foi construído. A escolha do local não passou despercebida por cronistas da época:

Um dos brasileiros mais ricos, o Barão de Nova Friburgo, mandou construir recentemente, na mais bonita e mais larga rua da cidade nova, a Rua do Catete, a caminho de Botafogo, um palácio de cantaria, a custo muito elevado, projeto de um engenheiro alemão. (Tschudi *apud* ALMEIDA, 1994. P.20)

O Barão de Nova Friburgo ocupou o palácio com as obras ainda em andamento, aproveitando pouco sua nova residência, pois faleceu em 4 de outubro de 1869. Pouco tempo depois, em 9 de janeiro de 1870, morreu a Baronesa de Nova Friburgo. O Palácio foi herdado pelo primogênito do casal, Antônio Clemente Pinto Filho, o Conde de São Clemente (ALMEIDA, 1994. p. 26).

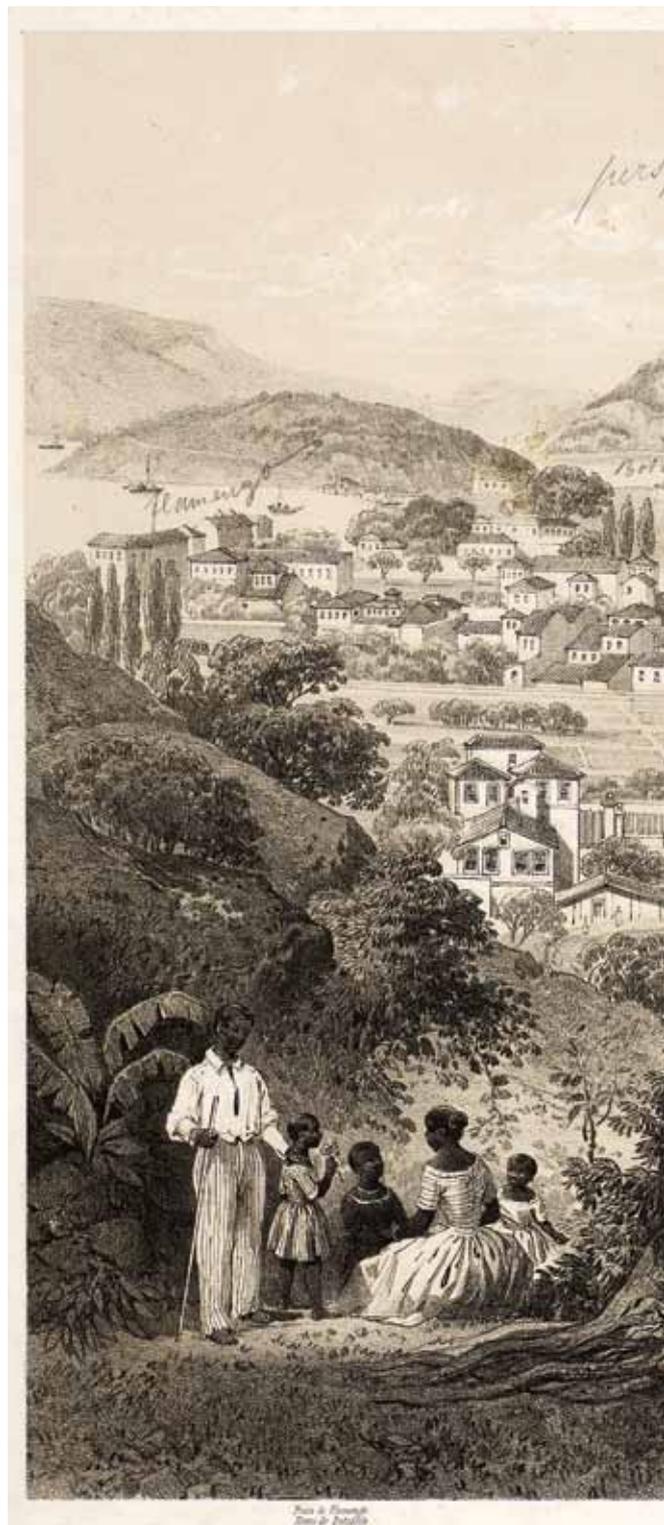
Em 1889, o Conde de São Clemente vendeu o Palácio para a *Companhia do Grande Hotel Internacional*, que desejava transformá-lo em hotel de luxo. No entanto, o projeto fracassou, e Francisco de Paula Mayrink comprou as cotas dos demais acionistas. Utilizou-se do Palácio para dar festas e receber parentes e amigos. Enfrentando problemas financeiros,



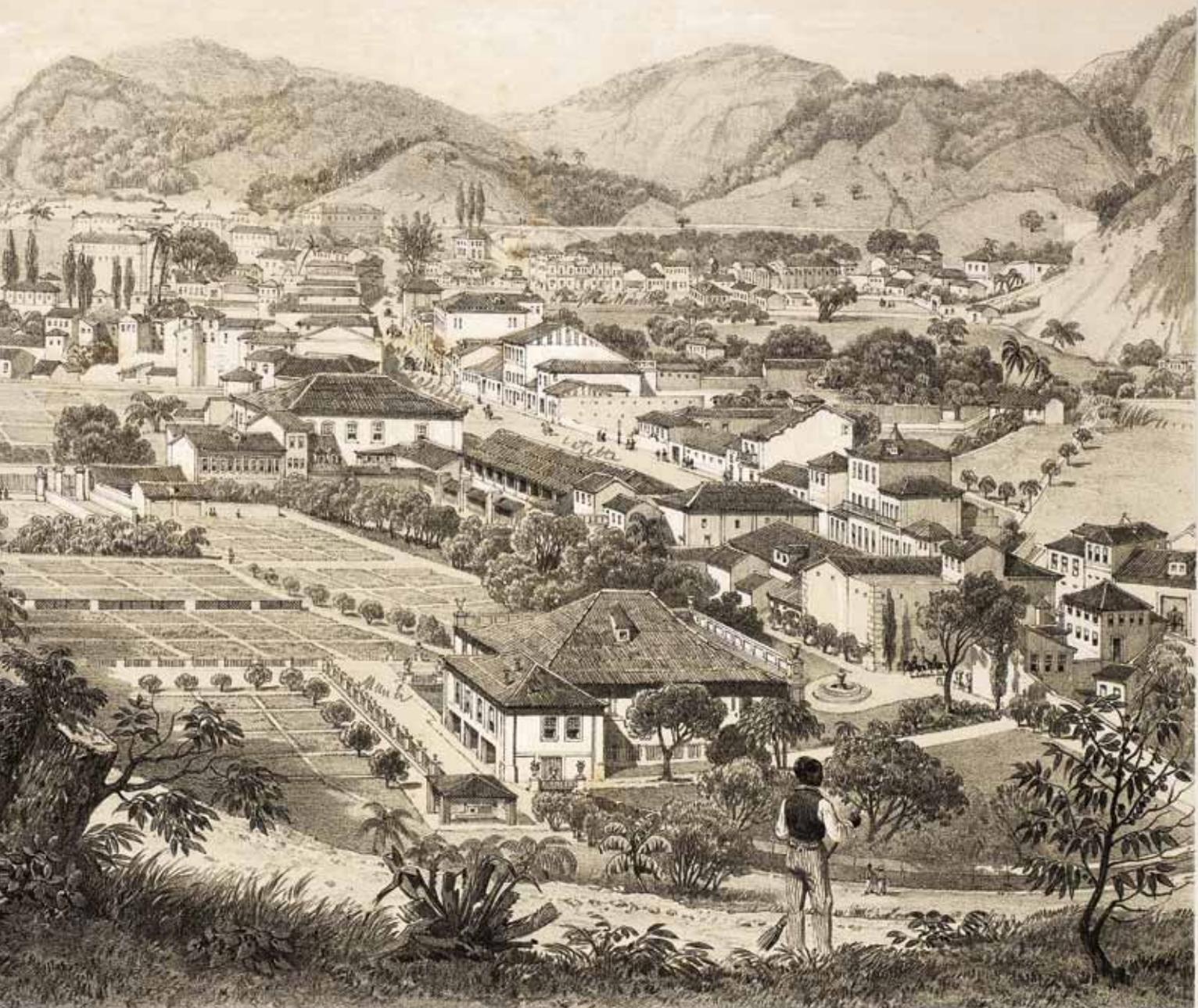
Vue de la Montagne de Corecovado et du Fauborg de Cadete. (sic) *Vista da montanha do corcovado e do bairro do Catete: tomada da pedreira, de autoria de Rugendas, Derooy e Engelmann, 1835.*
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

*Panorama da cidade de Rio de Janeiro: Tomada da
Chacra do Sr. Barão Maüa a vô de passaro (sic).*

*Detalhe para a rua do Catete e o largo do Valdetaro
antes da construção do palácio. Desmons, Iluchar, 1854.
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.*



pectore horribiliter saepe



Rua de Lacer

Largo de Alameda

Largo de Botafogo
Cidade de Deus

Rua de Niterói

Foto de Marc Ferrez, feita na década de 1880, do Catete e seus arredores. Detalhe para o jardim original e as palmeiras já razoavelmente crescidas. Nessa foto, destaque para a praia do Flamengo antes de todos os aterros feitos no século XX. Veem-se também as águas originais, muito menores que as atuais. Marc Ferrez / Acervo Instituto Moreira Salles.







Vista do jardim, a partir da varanda do palácio localizada nos fundos do salão ministerial.

*Foto: Romulo Fialdini.
Acervo Museu da República - IBRAM / MinC*

vendeu o prédio ao Governo Federal em 1896, que reformou o edifício e o jardim para instalar ali, em 24 de fevereiro de 1897, a sede do Poder Executivo Federal.

A vinda da Presidência da República para o Catete, em 1897, trouxe um novo fôlego para a região. Políticos começaram a se instalar ali. Hotéis foram construídos nos arredores e aqueles que já desfrutavam de prestígio, como o Hotel dos Estrangeiros, tornaram-se sede de articulações políticas famosas. No entanto, o bairro, assim como a cidade do Rio de Janeiro, sofreu esvaziamento com a mudança da capital para Brasília; com a construção de grandes edifícios residenciais e do metrô, em meados da década de 70 até o início da década de 80, o entrou em forte decadência, em razão da “divisão” que as obras trouxeram para a localidade. O próprio palácio teve que ser reformado devido a abalos em suas fundações, permanecendo fechado no período de 1984 a 1989, quando foi reinaugurado.

O JARDIM

O Barão de Nova Friburgo adquiriu, inicialmente, o terreno da Rua do Catete 159 e Praia do Flamengo 18-a, de propriedade de Violante Ribeiro da Fonseca. Nele foi construído o Palácio e, ao que se pode ver, começou a se planejar um jardim a seus fundos. O terreno original, um pomar, deu lugar a um jardim possivelmente projetado pelo paisagista francês Auguste Marie Françoise Glaziou (1833-1906), que, além de trabalhar em diversos projetos importantes, como a remodelação do Passeio Público, o Campo da Aclamação (atual Campo de Santana), os Jardins do Paço de São Cristóvão (atual Quinta da Boa Vista) e o ajardinamento do Largo do Machado, trabalhou comprovadamente para Antonio Clemente Pinto em outra de suas propriedades, no projeto do jardim da Chácara do *Chalet*, em Nova Friburgo, por exemplo.

Em 1864, o Barão adquiriu o terreno ao lado, ocupado pelas casas de número 161 e 163 da rua do Catete, de propriedade de Ana de Jesus Maria de Lacerda, ampliando o jardim da sua residência na lateral do palácio.

Com a compra do Palácio pelo governo federal, em 1896, uma grande reforma foi empreendida no Jardim. A remodelação ficou sob a coordenação de Paul Villon, paisagista discípulo de Glaziou, com quem já havia trabalhado na reforma do Campo da Aclamação, atual Praça da República. Uma grande reportagem do *Jornal do Commercio*, de 20 de fevereiro de 1897, descreveu o Palácio e o Jardim às vésperas da inauguração do Palácio Presidencial:

Este parque era antigamente plano com árvores de grande altura, palmeiras, coqueiros, tamarineiros etc. (JORNAL DO COMMERCIO, 20/2/1897, p.1)

Dentre as novidades acrescentadas, a gruta foi uma das maiores intervenções na reforma do jardim, conforme atestam relatos jornalísticos e fotos assinadas por Marc Ferrez.

(...) hoje corta-o um rio artificial com três pontes rústicas, tendo de um lado uma grande cascata com lago, um terraço para banda de música, uma gruta de estalactites e estalagmites, correndo água da cascata em lençol para o lago de onde nasce o rio. (*Ibid.*, 20/2/1897, p.1)

Um grande rio artificial passou a cortar praticamente toda a extensão do Jardim, compondo um cenário com os canteiros elevados, implementados na reforma.

O rio artificial comporta dois mil metros cúbicos de água. As ondulações do terreno com canteiros altos, grupos de árvores e plantas isoladas dão um tom mais pitoresco ao parque. (*Ibid.*, p.1)

A aleia de palmeiras, já existente, recebeu, em seu centro, o chafariz que se encontrava no Largo do Valdetaro, localizado em frente ao Palácio. Nesse período, foi instalado o grupo escultórico representando a lenda do nascimento de Vênus, da Fundação Val d'Osne (França), encimando a fonte.

O antigo chafariz de granito que figurava no largo do Valdetaro, em frente ao Palácio, é hoje o ornamento principal do parque, tendo em cima uma bela estatueta de bronze representando Venus e está colocado no centro do mesmo entre alas de enormes palmeiras. (*Ibid.*, p.1)

Um antigo banheiro do parque foi transformado em coreto, seguindo a tendência dos logradouros públicos tanto em voga no período.

O antigo banheiro que se achava no parque foi transformado em pequena glorieta ou pavilhão, ficando outro ao centro entre a rua Silveira Martins e praia do Flamengo; é preparado com quartos para banho de mar. (*Ibid.*, p.1)





*O Jardim ainda em preparação durante as obras do Palácio. Vejam que as palmeiras ainda estão muito pequenas e que, no final do Jardim, existia um portão que dava acesso diretamente à praia do Flamengo. Rua do Príncipe, Catete, atual Silveira Martins, entre 1864 e 1870. Casa Leuzinger
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil*

Na área do Jardim localizada na esquina da Rua Silveira Martins com a Praia do Flamengo, havia um pavilhão utilizado para banhos de mar, onde hoje está o parque infantil.

Foram também construídas dependências para os mordomos e criados da presidência, depois transformadas em residências para antigos funcionários e seus familiares, hoje desocupadas, aguardando obras para serem novamente utilizadas.

Foi construída uma cocheira para 21 cavalos e um aquartelamento para o piquete da cavalaria.

As instalações elétricas representaram uma grande inovação tecnológica na reforma de adaptação do Palácio. Coube ao engenheiro Adolfo Aschoff a coordenação dos trabalhos, citados como pioneiros pela imprensa da época. Foi construída uma oficina elétrica e um prédio de três compartimentos para abrigá-la, situado na lateral do terreno voltada para a atual Rua Ferreira Viana. Mais tarde, esta construção passou a ser a garagem presidencial (hoje ocupada pelo Museu de Folclore Edison Carneiro) e a usina elétrica, já alimentada por óleo diesel, foi transferida para outro prédio.

Para assegurar o transporte do carvão que alimentaria a usina elétrica do Palácio, foi construído um novo ramal na linha de bondes que atendia ao bairro do Catete. O sistema de iluminação do Palácio gerou grande repercussão na imprensa: a edição do Jornal do Commercio de 20 de fevereiro de 1897 descreveu as novas instalações elétricas:

Na iluminação externa do palácio e do parque existem 31 lâmpadas de arco de força iluminante igual a 3.000 velas. A iluminação interna está distribuída do seguinte modo: palácio 516 lâmpadas de oito velas, 563 de 16 velas e 117 de 32 velas. (*Ibid.*, p.1)

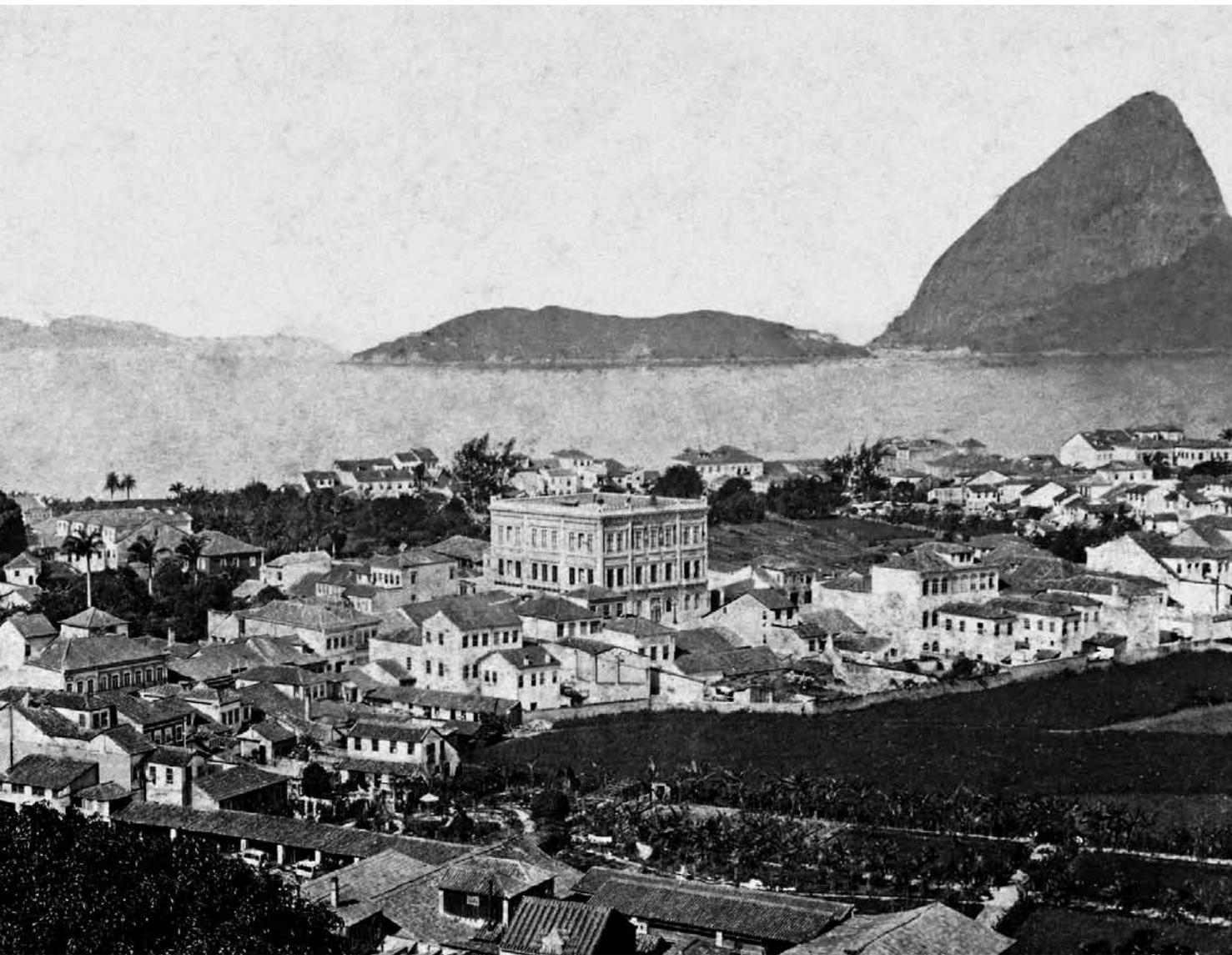
Agenor de Roure, outro jornalista contemporâneo, escreveu a respeito do uso da energia elétrica:

Como se vê, não será por falta de luz que os nossos presidentes hão de andar às tontas e às escuras! Impossível que tão bem iluminado, o antigo Palácio Friburgo continue a ser uma Sad House (casa triste). Que Deus e mais o Cristo e mais a Virgem

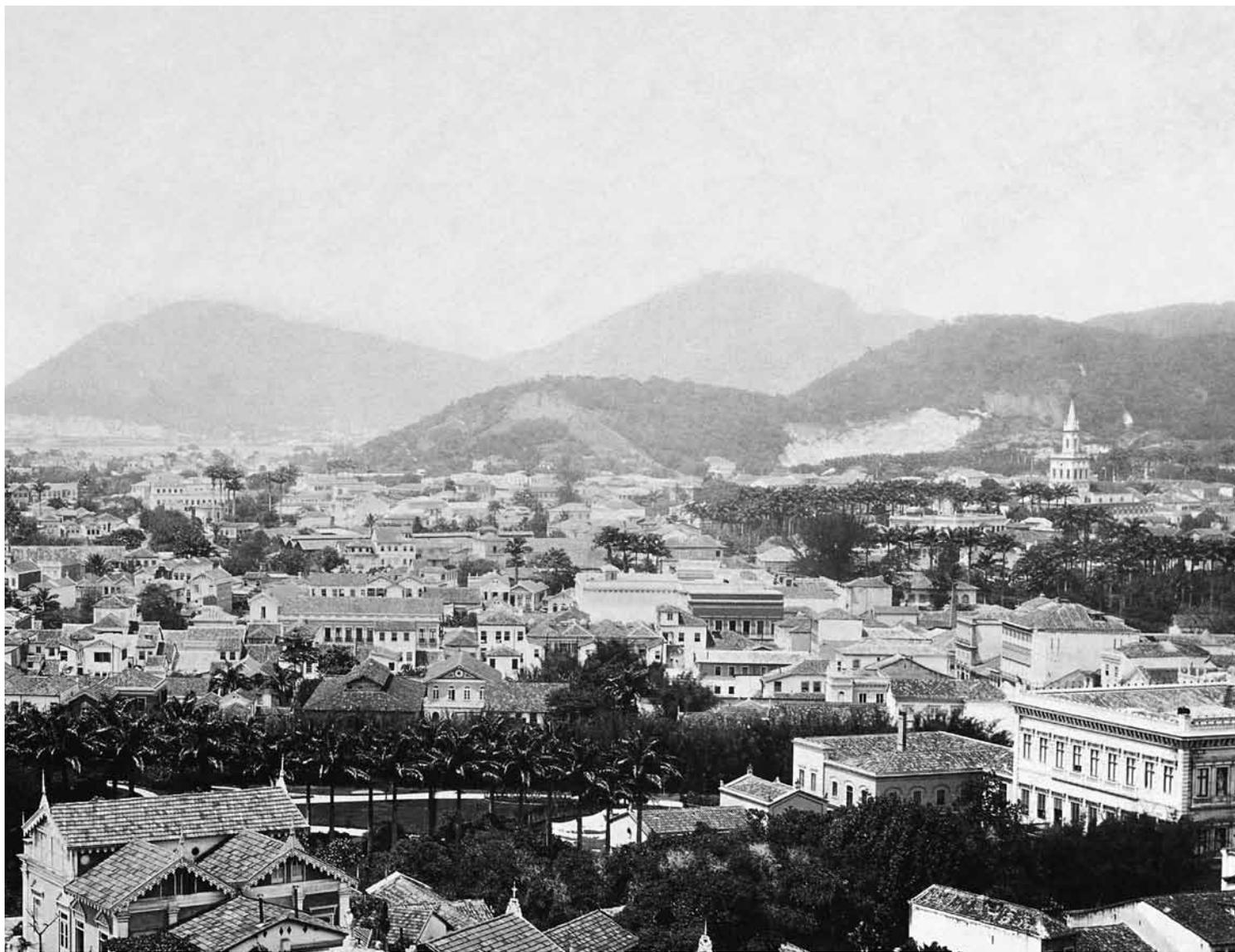
da Sala de Despachos iluminem o caos que porventura possa existir na organização cerebral dos nossos governos, já que o Diabo não mais os poderá tentar com a nudez das estátuas do palácio disfarçada por uma trança de cabelos ou por uma folha de parreira. (ROURE *apud* ALMEIDA, p. 38)

Também na área do Jardim voltada para a Praia do Flamengo, havia um embarcadouro construído pelo Conselheiro Mayrink, para a atracação de seu iate. Quando o Palácio se tornou sede do Governo Federal, este cais passou a ser de uso exclusivo da Presidência da República. Na década de 1960, quando foi construído o Aterro do Flamengo, foi demolido o que restava do embarcadouro.

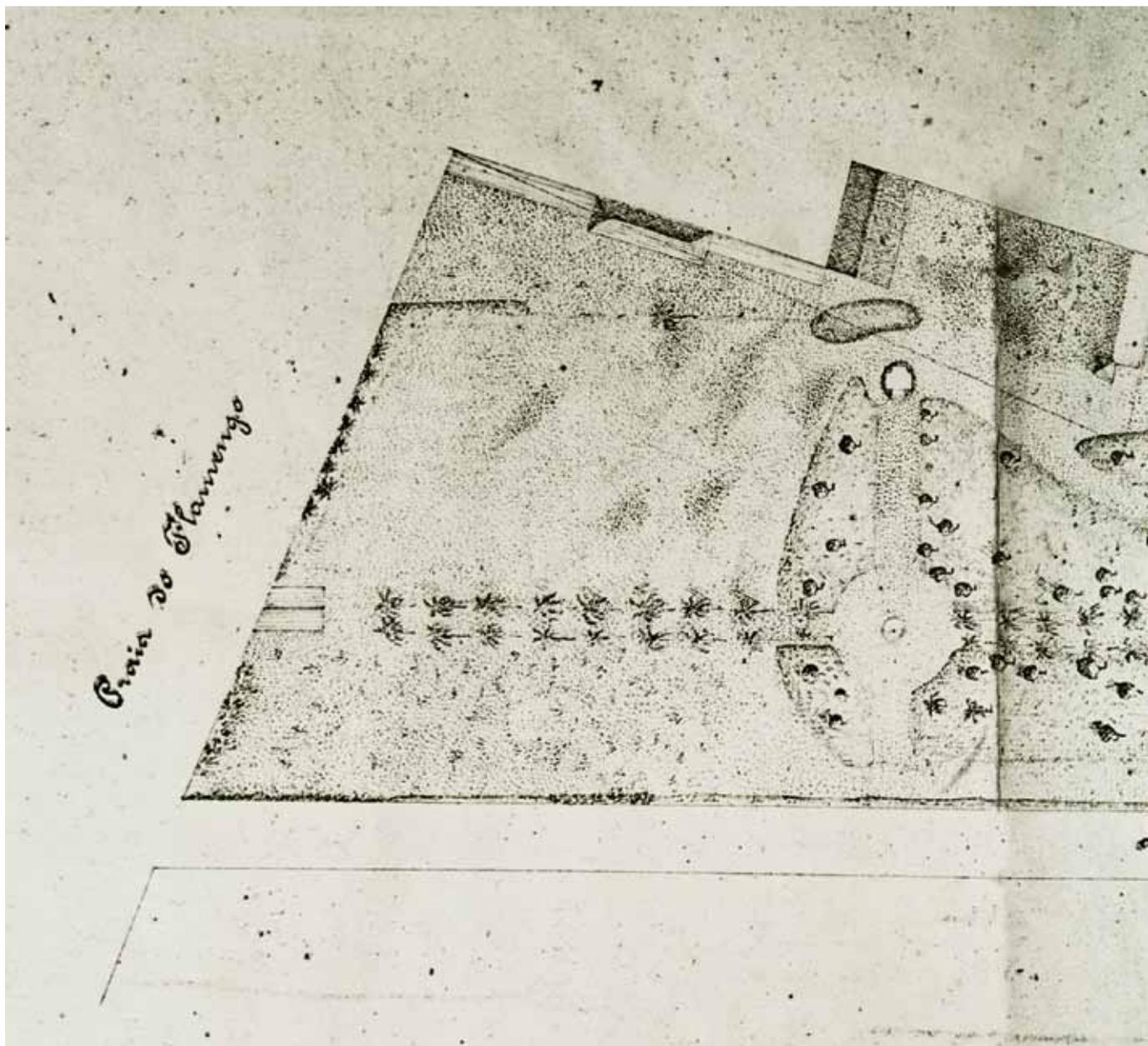
Próximo à fachada posterior do Palácio havia um chafariz com três bacias de água e um viveiro de pássaros. Hoje, existe o Chafariz dos Leões, um chafariz em mármore carrara.



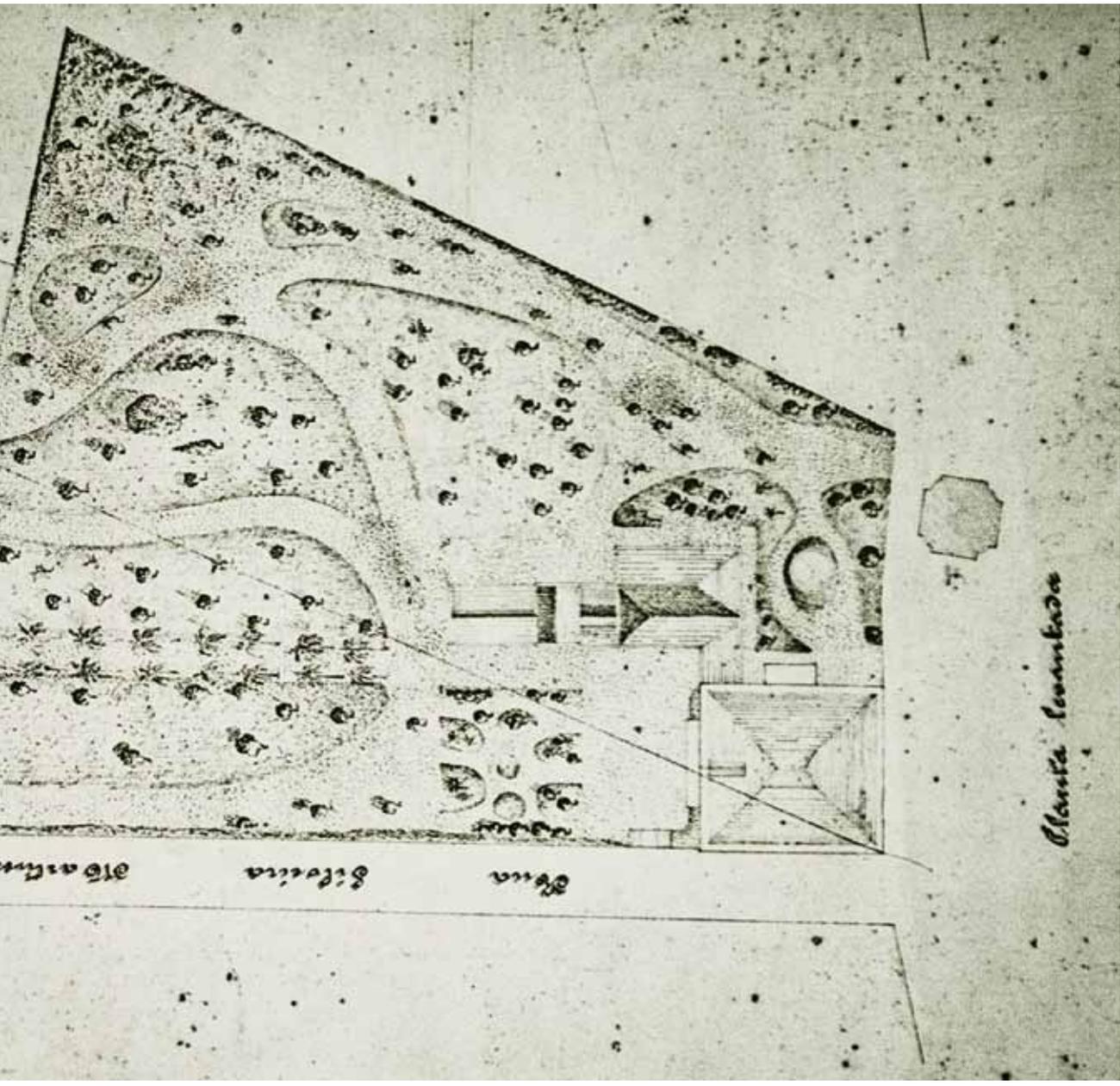
Catete e arredores. Cerca de 1870. Vemos como o Palácio se destacava na paisagem. Ao lado do palácio e a seus fundos vemos o jardim sendo preparado, com as palmeiras da atual aleia ainda pequenas. (Leuzinger, Georges. Catete e Entrada. 1870 circa. Georges Leuzinger/ Acervo Instituto Moreira Salles.



*Detalhe da foto de Marc Ferrez, circa 1880, onde se pode ver detalhes do jardim original.
Marc Ferrez/ Acervo Instituto Moreira Salles.*



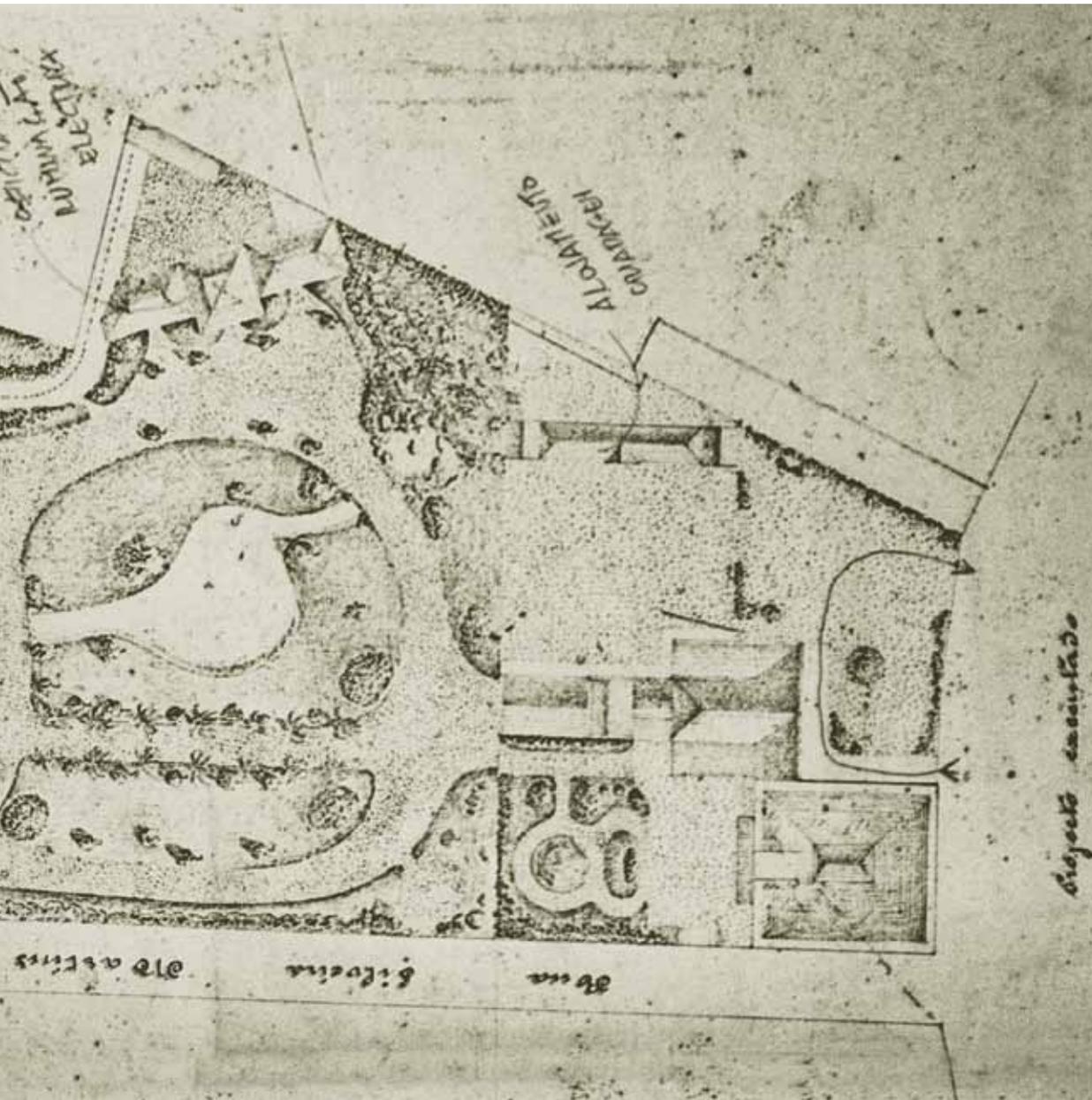
Planta do Jardim nos tempos do Barão de Nova Friburgo. Planta desenhada pelo arquiteto Aarão Reis. (Extraído de ALMEIDA, p. 32)

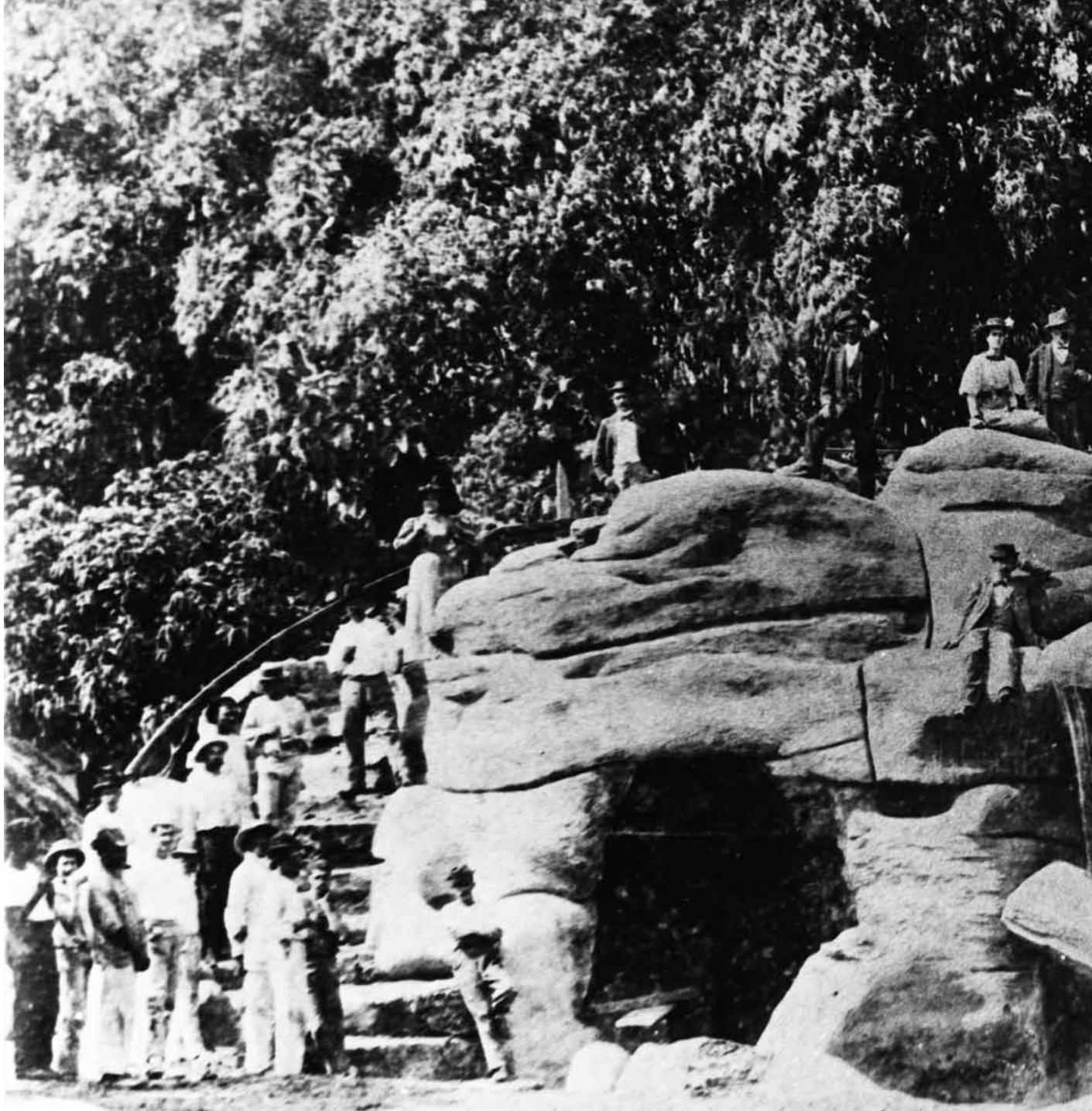


Santa Comunità



Situação do parque depois da reforma. Planta desenhada pelo arquiteto Aarão Reis. (Extraído de ALMEIDA, p. 32)





Gruta com cascata artificial construída entre 1896 e 1897. IHGB







*A gruta na atualidade.
Foto: Marcus Macri.*





*Rio artificial. Foto:
Marc Ferrez, 1897.
Acervo Museu da República
- IBRAM / MinC*





Rio artificial com coreto ao fundo.

Foto: Marc Ferrez, 1897.

Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.





Jardim do Museu da República na atualidade. Foto: Rômulo Fialdini. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC



*Jardim do Museu da República na atualidade. Foto: Rômulo Fialdini.
Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.*



*Foto: Rômulo
Fialdini.
Acervo Museu
da República -
IBRAM / MinC.*



O chafariz reformado em 1897. Foto: Marc Ferrez. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.

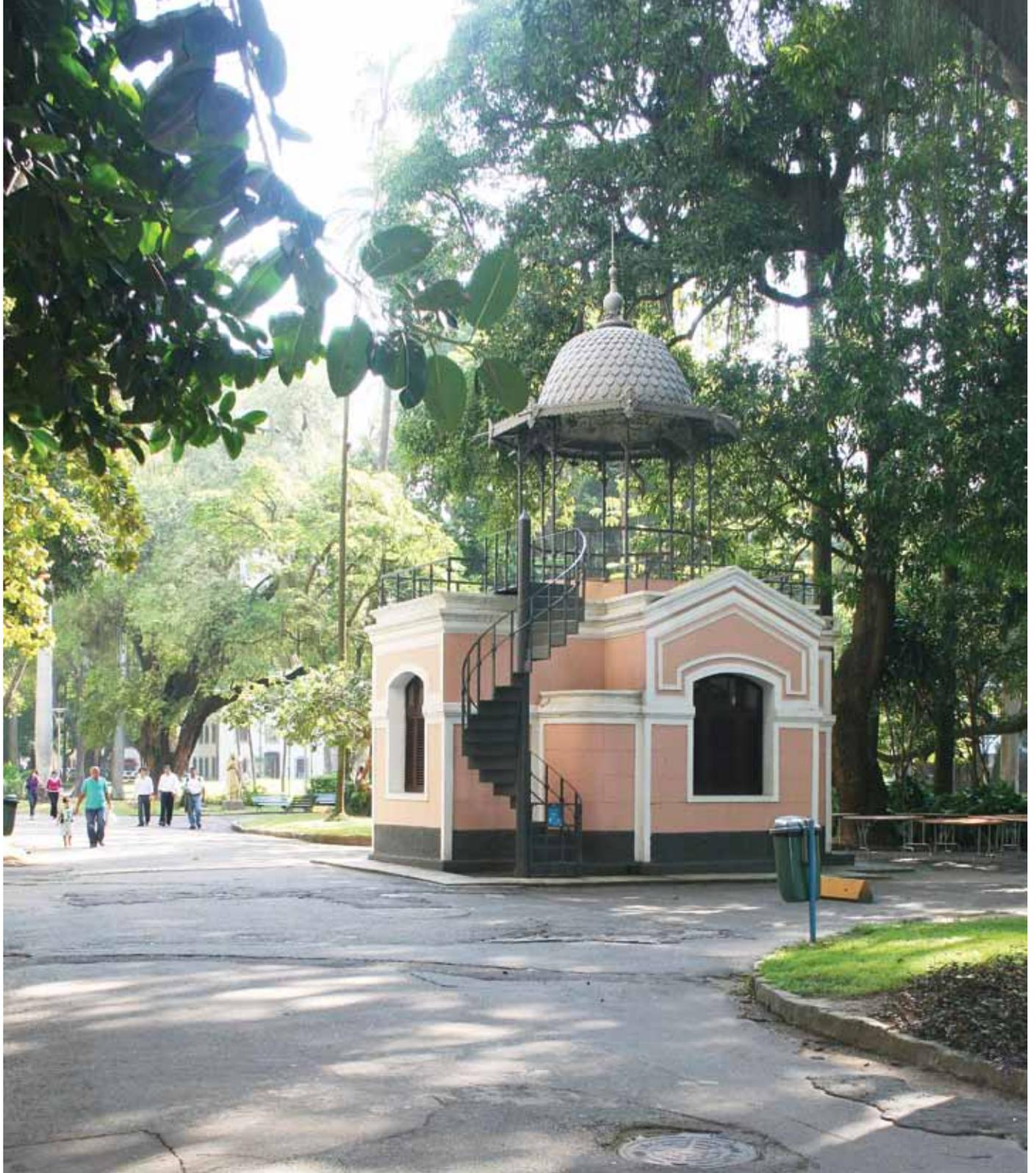


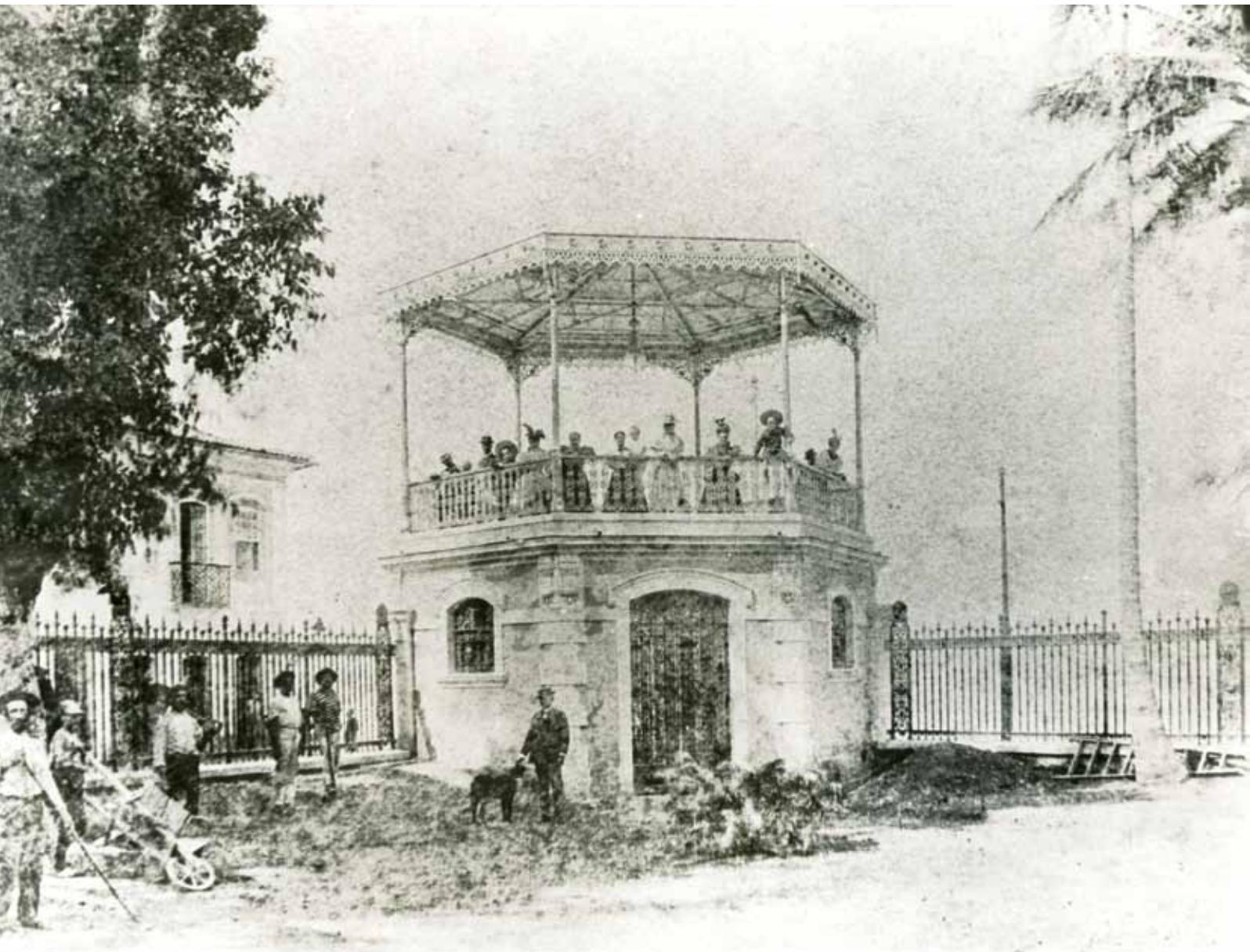
*O chafariz na atualidade.
Foto: Romulo Fialdini. Ferrez.
Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.*



O coreto no início do século XX. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.

PÁGINA DIREITA: O coreto na atualidade, sob outro ângulo. Foto: Janda Praia.

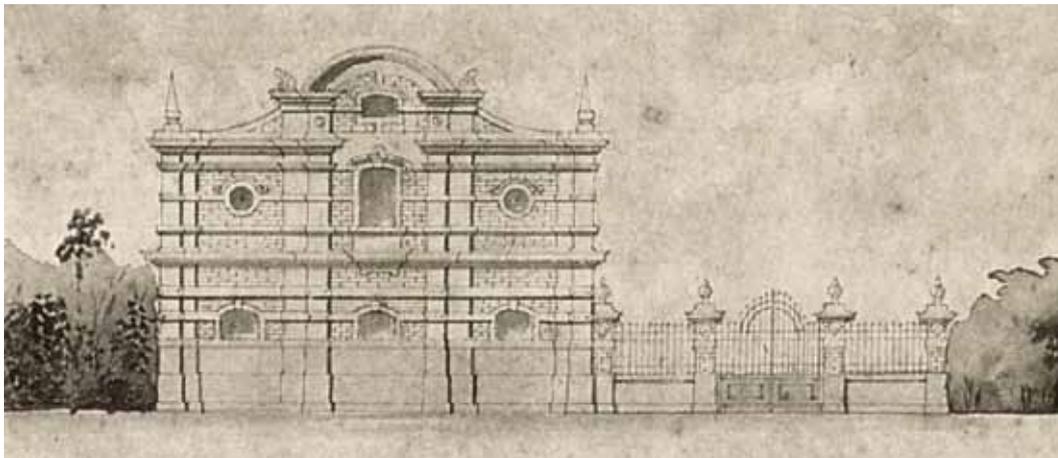
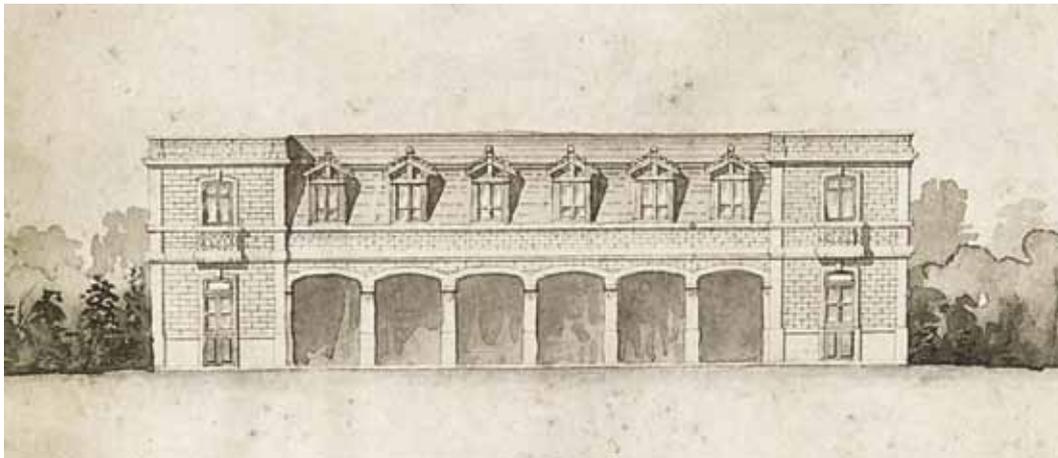
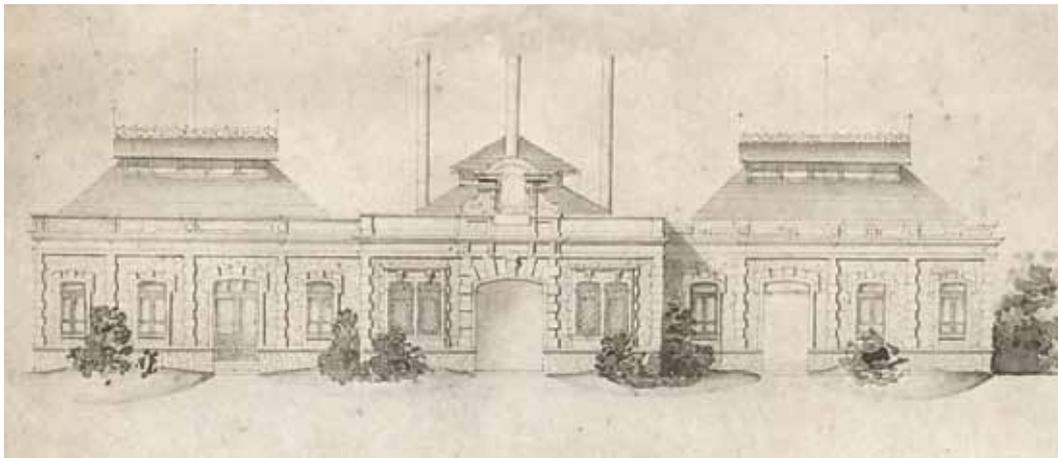




Pavilhão utilizado para banhos de mar no final do Jardim Histórico, onde hoje se encontra o parque infantil. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC



Parque infantil. Foto: Janda Praia.



Fachadas das edificações conforme projetos da reforma para a instalação da Presidência da República, em 1896 - 1897. Arquivo Central do IPHAN.



*Fachada do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular na atualidade.
Foto: Marcia Mattos.*



*Vista do jardim.
Foto: Romulo Fialdini.
Acervo Museu da
República - IBRAM / MinC.*



*Antigo viveiro de aves.
Localizado onde está
o atual Chafariz dos
Leões. IHGB*





*O Chafariz dos Leões.
Foto: Augusto Malta.
Acervo Museu da
República - IBRAM / MinC.*





*Parte posterior do Palácio do Catete. É possível ver parte do chafariz dos leões na atualidade.
Foto: Marcos Bagno.*



Escultura Ásia (criança com pantera), localizada no Jardim do Museu. Foto: Romulo Fialdini. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.



Escultura África (criança com crocodilo). Foto: Romulo Fialdini. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.



Escultura Oceania (criança com canguru, localizada no Jardim do Museu. Foto: Romulo Fialdini. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.



Escultura Europa (criança com lobo). Foto: Romulo Fialdini. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.



Escultura América (criança com cobra). Foto: Romulo Fialdini. Acervo Museu da República - IBRAM / MinC.



Criança com Ave. Em diálogo com o cotidiano do Jardim e do Museu, a escultura-chafariz que representa uma criança com ave, localizada no meio do lago artificial, é motivo de alegria e se oferece à contemplação. Após restauração das esculturas, realizada em 2014, verificou-se que o material dessa obra era diferente das esculturas encomendadas na fundição Val d'Osne. Essa obra pode ser parte da decoração do jardim original do Barão de Nova Friburgo. Foto: Mayumi Ishii.



*Escultura Cristóvão Colombo.
Foto: Janda Praia*



Escultura em terracota. Esculturas de alegorias femininas são características dos jardins públicos do final do século XIX e início do século XX. Foto: Marcus Macri.



*Escultura em terracota.
Esculturas de alegorias
femininas são características
dos jardins públicos do final do
século XIX e início do século XX.
Foto: Marcus Macri.*

UM JARDIM PRIVADO, UM JARDIM PÚBLICO

Durante a ocupação do Palácio pela Presidência, existem alguns relatos do uso do jardim para a recreação dos Chefes de Governo e de suas famílias, como o de Laurita Pessoa, que relatou o costume do presidente Epitácio Pessoa de caminhar no parque após as refeições. O acervo do Museu da República possui diversas fotos de presidentes no Parque, usufruindo-o em momentos de descontração.

A visita do rei da Bélgica ao Brasil, em 1920, proporcionou a realização de um grande evento, conhecido como Garden Party, no jardim do Palácio, que foi decorado luxuosamente para o evento, pois se tratava da primeira visita de um chefe de estado estrangeiro à República Brasileira.

Em 06 de abril de 1938, o Palácio do Catete e seu Jardim foram tombados pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

No ano de 1960, com a transferência da Capital Federal para Brasília, o Palácio do Catete passou a abrigar o Museu da República, criado por decreto-lei pelo Presidente Juscelino Kubitschek. Inaugurado no dia 15 de novembro de 1960, o Jardim foi aberto ao público, que ocorreu para conhecer a sede do Poder Executivo.

O jardim esteve interditado para a visitação entre 1964 e 1968. Nos anos de 1984 a 1989, foi a vez do Palácio ser restaurado. O Jardim tornou-se o coração do Museu da República. Ali foram realizados diversos eventos que deram movimento à Instituição, como colônias de férias e atividades de manutenção com a ajuda de instituições de apoio a meninos de rua. Nesse período foram restaurados o Chafariz dos Leões e o Coreto.



O Presidente Nilo Peçanha no parque do Palácio com seus cachorros. Acervo Museu da República / IBRAM - MinC



*Relato do Garden Party,
oferecido pelo presidente
Epitácio Pessoa ao Rei da
Bélgica. Revista Careta,
9/10/1920.
Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil*



Garden Party no parque do palácio do Cattete oferecido a SS. MM. os Reis dos Belgas.

Em 1995, no âmbito de um projeto de restauração elaborado para o Jardim, foi realizada ampla reestruturação das redes elétrica e de escoamento de água e implantado um sistema automático de irrigação.

No final dos anos 90, uma nova intervenção substituiria os muros do parque erguidos ao longo da Rua Silveira Martins e da Praia do Flamengo por gradis idênticos aos que já existiam na fachada da Rua do Catete, permitindo uma maior visibilidade do Jardim. No início dos anos 2000, foi implantado um parquinho infantil, por meio de emenda parlamentar.

Em 2013, com patrocínio da Light e da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, e em parceria com o Instituto Cultural Cidade Viva (ICCV), a estrutura física do gerador da antiga usina elétrica foi restaurada e colocada em exposição no Jardim, junto ao bistrô, igualmente restaurado.

Em 2014, graças ao patrocínio da Petrobras e à renovada parceria com o Instituto Cultural Cidade Viva (ICCV), as esculturas, a gruta e os *rocailles* do Jardim foram restaurados.

Em 2015 e 2016, com o apoio do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) Cidades Históricas RJ, o Jardim é objeto de um projeto executivo visando à sua restauração no futuro, principalmente com relação à drenagem das águas pluviais e piso.



Atividade cultural no jardim do Museu, em meados da década de 1980. Arquivo privado Carlos Daetwyler Xavier de Oliveira.



Gerador elétrico restaurado. Foto: Marcus Macri.

O Jardim Histórico do Museu da República é muito mais que apenas parte do acervo museológico da Instituição. Originalmente um espaço privado, foi local de desfrute dos barões, presidentes e suas famílias, desde sua criação, de meados do século XIX até 1960, ano da criação do Museu da República. Até então, o povo tinha raras oportunidades de usufruí-lo. Hoje é um espaço vivo, aberto a todos, de fato da res publica, que integra o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

Os milhares de frequentadores e passantes podem não se dar conta das obras de arte com que cruzam, ao se deslocarem na hora do almoço ou ao levarem seus filhos ao parque infantil: Esculturas de Val D'Osne, grutas, coretos, esculturas de terracota; também podem não notar a fauna que pertence ao jardim, que busca nas sombras das árvores centenárias, tal qual os frequentadores humanos, um alívio do calor e da confusão da cidade.

Esse livro buscou mostrar um pouco da história desse espaço, talvez o acervo mais vivenciado do Museu da República, expondo a sua importância histórica e alguns detalhes que passam, provavelmente, despercebidos da maioria de seus frequentadores.



Painel do gerador restaurado.

Foto: Marcus Macri.



Fotos: Janda Praia





Galeria do Lago. Fotos: Rene Leal



MAPA DO JARDIM HISTÓRICO



- 1 - Cristóvão Colombo
- 2 - Livraria do Museu
- 3 - Espaço Educação (térreo), Auditório e Sala Multimídia (1º andar)
- 4 - Cinema
- 5 - Chafariz dos Leões
- 6 - Bistrô
- 7 - Escultura Criança com Ave
- 8 - Usina de Eletricidade do Palácio do Catete
- 9 - Esculturas em terracota
- 10 - Coreto
- 11 - Chafariz "Nascimento de Vênus"
- 12 - Viveiro
- 13 - Parque Infantil

- Cinco Continentes - Conjunto de esculturas representativas dos cinco continentes:
- A - América (criança com cobra)
 - B - Ásia (criança com pantera)
 - C - África (criança com crocodilo)
 - D - Europa (criança com lobo)
 - E - Oceania (criança com canguru)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRIO, Leila Vilela. *Os Clemente Pinto*. Importantes cafeicultores do Sertão do Leste Fluminense. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

ALMEIDA, Cícero A. F. *Catete: Memórias de um Palácio*. Museu da República, Rio de Janeiro, 1994.

ASSIS, Machado. *Esau e Jacó*. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000030.pdf>. p. 13-14.

FOLLY, Luiz Fernando Dutra et alli. **Barão de Nova Friburgo: impressões, feitos e encontros**. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2010.

JORNAL DO COMMERCIO. **O Palácio do Catete**. Jornal do Commercio, 20/02/1897. p. 1

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, Área de Proteção do Ambiente Cultural - APAC - Catete. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac/anexos/catete_textos.pdf.

PROURB, FAU-UFRJ (professores e alunos). **Um Palácio na Cidade**. <http://www.fau.ufrj.br/prourb/catete>. Acesso em: 21/01/2015.

RODRIGUES, Marcus Vinícius Macri. **Um palácio quase romano. O Palácio do Catete e a invenção de uma tradição clássica nos trópicos**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2017.

© 2019 Museu da República

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Biblioteca do Museu da República

R426 República em Documentos: Jardim Histórico do Museu da República.
Organização de Magaly de Oliveira Cabral Santos, Marcus Vinícius
Macri Rodrigues e Carlos Daetwyler Xavier de Oliveira. Rio de Janeiro:
Museu da República, 2019. 80 p.: il.; 21 cm. (Documentos Museológicos n 4)

Bibliografia: p. 77.

ISBN 978-85-85732-40-0

1. Palácio do Catete. 2. Jardim Histórico. 3. Neoclassicismo. 4. Museu da
República - História. 5. Museus - História. I. Título

CDD 900

Museu da República

Rua do Catete, 153 – Catete

CEP 22220-000 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 2127-0324

mr@museus.gov.br

MUSEU DA REPÚBLICA

Diretor

MARIO CHAGAS

Coordenador Técnico

MARCUS MACRI

Coordenadora Administrativa e Financeira

SILVIA FENIZOLA

Organização, Pesquisa e Elaboração

MAGALY CABRAL

MARCUS MACRI

CARLOS DAETWYLER XAVIER

Programação Visual

ESPIRÓGRAFO EDITORIAL / MARCIA MATTOS

Imagens

ARQUIVO CENTRAL DO IPHAN: páginas 48, 51.

ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL: páginas 11, 12, 20, 24, 25, 67.

ARQUIVO HISTÓRICO E INSTITUCIONAL DO MUSEU DA REPÚBLICA: páginas 34, 36, 42, 44, 46, 52, 66.

ARQUIVO PRIVADO CARLOS DAETWYLER XAVIER DE OLIVEIRA: página 68.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO: página 30.

INSTITUTO MOREIRA SALES: páginas 9, 14.

JANDA PRAIA: páginas 45, 47, 62, 72, 73.

MARCIA MATTOS: página 49, 76.

MARCOS BAGNO: página 59.

MARCUS MACRI: páginas 32, 63, 64, 69, 70.

MAYUMI ISHII: página 61.

RENE LEAL: páginas 74, 75.

ROMULO FIALDINI: páginas 16, 39, 40, 41, 43, 50, 56, 57, 58, 59, 60.

Este livro foi impresso em maio de 2019, no âmbito das comemorações dos 130 anos da Proclamação da República e dos dez anos da criação do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram.

Foram utilizadas as fontes Gentium Book Basic e BrightonTwo Sans NBP.

O Jardim Histórico do Museu da República é muito mais que apenas parte do acervo museológico da Instituição. Originalmente um espaço privado, foi local de desfrute dos barões, presidentes e suas famílias, desde sua criação, de meados do século XIX até 1960, ano da criação do Museu da República. Até então, o povo tinha raras oportunidades de usufruí-lo. Hoje é um espaço um espaço vivo, aberto a todos, de fato da res publica, que integra o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

ISBN 978-85-8573-240-0



9 788585 732400



MUSEU DA REPÚBLICA



sistema brasileiro de museus



instituto brasileiro de museus

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL